

Ambiente e processos socioculturais (re)configurando redes comunicacionais na Amazônia

Communication networks and sociocultural processes in the Amazon

Gleilson Medins de MENEZES¹

Rafael de Figueiredo LOPES²

Resumo

Discute-se relações entre processos socioculturais e comunicacionais na Amazônia, considerando particularidades deste ambiente. O objetivo é compreender e (re)interpretar suas transversalidades em diferentes contextos. Trata-se de uma aproximação interdisciplinar, com base em revisão de literatura, articulando aportes da história, sociologia, antropologia e comunicação, sobretudo à luz de autores que tratam do pensamento social brasileiro e amazônico. Assim, percebe-se que a Amazônia é um ambiente mediado por multiplicidades socioculturais (re)configuradas em redes de interdependências comunicacionais e vice-versa.

Palavras chave: Comunicação. Processos socioculturais na Amazônia. Redes de interdependência.

Abstract

This paper discusses the relations between sociocultural and communicational processes in the Amazon, considering environmental particularities. The goal is to understand and reinterpret transversality in different contexts. It is an interdisciplinary approach, based on bibliography, articulating contributions of history, sociology, anthropology and communication, dialoguing with authors dealing with Brazilian and Amazonian sociological thinking. It is noted that the Amazon is an environment mediated by sociocultural multiplicities reconfigured in networks of communicational interdependencies.

Keywords: Communication. Sociocultural processes in the Amazon. Networks of interdependence.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), Integrante do Programa de Pós-Graduação Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia (TROKANO/UFAM/CNPq). E-mail: audiovisualufam2@gmail.com.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Meio Ambiente e Amazônia (TROKANO/UFAM/CNPq). Bolsista da Capes. E-mail: rafaflopes@bol.com.br.

Introdução

Entendemos que a tentativa de encontrar uma lógica para compreender relações entre ambiente, sociedade e cultura na Amazônia será sempre repleta de incertezas. Dependerá da interpretação e articulação argumentativa de cada pesquisador para a textura de seu objeto. Afinal, ao tratarmos da diversidade de uma região que perpassa por nove países da América do Sul e concentra cerca de 60% do território brasileiro, sabemos que é impossível dar conta de sua complexidade.

Diante disso, propomos um exercício de aproximações sobre redes comunicacionais tecidas em processos socioculturais e vice-versa. Discutimos aspectos do pensamento social da Amazônia para (re)interpretarmos suas transversalidades em contextos históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e tecnológicos. Transitamos por pressupostos do Pensamento Complexo (MORIN, 2010), na perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais (COLFERAI, 2014), considerando inter-relações e interdependências entre aspectos sociais, culturais, ambientais e tecnológicos.

Assim sendo, à medida que descortinamos cenários que remontam um panorama contextual, do século XVI ao XXI, problematizamos a circulação de informações e sentidos, construídos em práticas de dominação cultural desde o período de colonização e seus reflexos na sociedade contemporânea-cibercultural. Para isso, nos embasamos em aportes da comunicação, história, sociologia, crítica literária e imaginário, em diálogo com autores que tratam do pensamento social brasileiro e amazônico.

Na primeira parte, a discussão entre processos socioculturais e comunicacionais é guiada pela relação das sociedades amazônicas com os rios da região. No segundo momento, tratamos de representações da Amazônia construídas no processo histórico, por diferentes tecnologias do imaginário, e a tendência dos veículos de comunicação tradicionais se apropriam destas concepções para propagar ideias preconceituosas. No último tópico, discutimos sobre estratégias comunicacionais alternativas na Amazônia, proporcionadas pelo contexto midiático digital na chamada sociedade cibercultural.

Entre arquipélagos, rios comunicativos...

Refletir sobre a Amazônia é como navegar por uma emaranhada rede de rios sinuosos que interliga arquipélagos de saberes, experiências e outras possibilidades de ser e estar no mundo. Nessa viagem, a aparente metáfora da aventura se expressa no cotidiano prático da vida humana na região. E, quando sua compreensão transcende clichês e estereótipos exóticos, descortina-se a força de um *ethos*, estabelecido na relação ecossistêmica entre homem e natureza, que se expressa em singularidades e multiplicidades de processos socioculturais característicos deste ambiente complexo.

Prado Júnior (2011, p. 228) caracteriza a constituição geográfica do vale do rio Amazonas como uma “linha de comunicação transcontinental”, ligando os Andes ao Atlântico. Conforme o autor, o efeito dos rios determina um gênero particular de vida na região e funciona como sua principal via de comunicação e atração populacional. Nesse sentido, atribui às chamadas “estradas líquidas”, a explicação para o povoamento ter ocorrido nas margens dos rios (PRADO JÚNIOR, 2011, p. 213).

O isolamento geográfico fez a Amazônia, durante muito tempo, ficar à margem da colonização do Brasil, quando comparada às regiões nordeste, central e sul, que mesmo de forma precária se interligavam (por via marítima ou pelos caminhos dos tropeiros), mantendo uma certa unidade colonial. A constante remodelação fisiográfica da Amazônia, de acordo com Prado Júnior (2011), em função do clima, vegetação e regime das águas, sempre dificultou a ocupação e a fixação de grupos humanos não acostumados à dinâmica da natureza amazônica, bem como o desenvolvimento de algumas atividades econômicas, a exemplo da agricultura.

Já os indígenas, que habitavam a Amazônia há séculos, estavam preparados tanto para a coleta dos produtos naturais, a caça e a pesca, quanto para conduzir as embarcações pela intrincada geografia da região, onde a locomoção e o transporte de cargas se faz essencialmente por via fluvial³. Sendo assim, para vencerem os percalços e

³A discussão sobre a comunicação pelos rios na Amazônia é pertinente na contemporaneidade, pois a navegação fluvial continua sendo o mais importante meio de circulação. As principais cidades da região ainda hoje se localizam às margens de rios. E, conseqüentemente, isto proporciona uma série de relações comunicacionais, que permanecem estabelecidas nas confluências do ambiente, (re)configuradas por outros códigos, plataformas, canais de transmissão e difusão, maneiras de recepção e processamentos, que

executarem seus objetivos de exploração e colonização, os brancos precisaram aprender com os indígenas, em convívios nem sempre amistosos. Desse modo, conforme Prado Júnior (2011, p. 202), em nenhum outro lugar o branco teve tanta influência do indígena, seja nos hábitos, costumes e até na psicologia, “daí a originalidade amazonense, que fará da região um exemplo singular na colônia; um outro Brasil”.

Nesse cenário, ao longo do processo histórico-político brasileiro (colônia, império, república), foram se sucedendo conflitos humanos e mudanças socioculturais. Pois, diferentes conjunturas políticas e econômicas impulsionaram a miscigenação racial, o avanço do povoamento, o surgimento de cidades, a diversificação de atividades, os problemas ambientais, as disputas por terra, e, conseqüentemente, a transformação das figurações e relações sociais.

As mutações observadas no plano histórico, sociológico, antropológico e ambiental, estão imbricadas em processos comunicacionais. Pois, nestas inter-relações e interdependências entre grupos humanos e diferentes atividades culturais e econômicas, os rios e suas rotas fluviais funcionam como uma espécie de mediação das relações sociais e, desse modo, configuram-se como agentes da comunicação na Amazônia - em seu sentido amplo, considerando a comunicação territorial (circulação e transportes), interpessoal (relação entre pessoas), organizacional (atividades econômicas e instituições), social (meios de comunicação de massa). Nestes fluxos, constantemente cambiantes, intermediados por inúmeras codificações simbólicas, se estabelecem modos de ser, compreender e estar no mundo.

Colferai (2014) também observa os fenômenos nesta perspectiva relacional e propõe um ponto de vista descolonizado sobre a Amazônia, ao pensar a região a partir da própria Amazônia. O autor trata de forma dialógica as relações entre o local e o universal, enfatizando que as multiplicidades perpassadas entre o ser humano, a natureza, as tecnologias da comunicação e informação não estão apartadas, pois são relações que compõem um “Ecossistema Comunicacional”. Para Colferai (2014), a Amazônia é uma das regiões do planeta onde as relações entre o ser humano, o ambiente e a tecnologia não se impõem sob a regra de leis inflexíveis, já que decorrem

por sua vez são resultantes do processo sociocultural e tecnológico, que caracterizam a vida na Amazônia em diferentes momentos históricos.

de mestiçagens e hibridismos. As fronteiras geográficas, sociais e culturais se movem e se transformam conforme os ciclos da natureza na região⁴.

A relação simbiótica de populações amazônicas e seus ambientes também é discutida em Tocantins (2000), que interpreta o cotidiano sociocultural do homem amazônico a partir da sua relação com a natureza. O autor enfoca a influência dos rios na vida das populações amazônicas, salientando que esta particularidade interfere no modo de vida, no comportamento, nos costumes, nas manifestações folclóricas, nas características psicossociais e até mesmo nas crenças religiosas.

Tocantins (2000) também chama a atenção para o interesse internacional sobre a Amazônia, levando em consideração a importância de sua biodiversidade e abundância de recursos hídricos. Desse modo, abre discussões sobre geopolítica, desenvolvimento econômico, integração e sustentabilidade. Para o autor, apesar da luta do homem para dominar a natureza, pelos dispositivos culturais e tecnológicos ao longo dos séculos, percebe-se que a força do meio se impõe de forma poderosa. Contudo, pode existir harmonia e respeito, pois considera que há “uma associação quase mística” entre o homem e a natureza, na qual o fluxo das águas pode condicionar até mesmo os destinos humanos (TOCANTINS, 2000, p. 278). Isto, nos permite fazer uma ligação com a ideia ecossistêmica comunicacional (COLFERAI, 2014), e também dialogar com o conceito de auto-eco-organização⁵ (MORIN, 2010), justificando pressupostos do Pensamento Complexo para uma compreensão em teias reticulares sobre a Amazônia.

Barbosa (1980) trata da figura do regatão e suas relações de comunicação na Amazônia. Os regatões (nordestinos, em sua maioria) eram comerciantes ambulantes que viajavam de barco pelos rios e igarapés da região, aportando em povoados para vender mercadorias, como alimentos em conservas, bebidas, tecidos e remédios. E, na viagem de volta, levavam produtos dos interiores para as cidades. Entre os séculos XVIII e XIX, a maioria desses vendedores atuava na clandestinidade, burlando a vigilância provincial e a arrecadação de impostos. Isto era possível em virtude de uma rede de relações sociais com comunidades, pequenos produtores e comerciantes, indígenas e quilombolas. Assim, além de comércio pela rede fluvial, promovia-se a

⁴Um exemplo prático disso são as marombas (currais flutuantes ou suspensos), construídas para confinar o gado durante os meses de cheia nas áreas de várzea. Em função do ambiente o homem cria dispositivos, adapta suas atividades econômicas e as dinâmicas sociais do seu cotidiano.

⁵Conforme Morin (2010), o sujeito está no mundo e o mundo está no sujeito de forma indissociável e hologramática, pois o homem se organiza no mundo conforme se relaciona com o ambiente em que vive.

interação social e o intercâmbio cultural (em mobilidade). Nota-se, portanto, um complexo sistema comunicacional configurado pelas particularidades do ambiente e dos sujeitos envolvidos.

Já Nogueira (2008) apresenta uma importante reflexão acerca de manifestações folclóricas da cultura popular amazônica. O autor discute sobre algumas das principais festas da região: o Boi-Bumbá de Parintins (AM), a Ciranda de Manacapuru (AM) e a Travessia do Sairé de Alter do Chão (PA). Aponta inter-relações e interdependências destes fenômenos da cultura popular, em suas constantes reconfigurações contemporâneas, com a indústria do entretenimento e as influências da mídia. Contudo, enfatiza que mesmo seguindo a tônica da espetacularização globalizada, as festas valorizam expressões artísticas e do imaginário regional.

Ainda no âmbito da criação artística, a representação da Amazônia no cinema é discutida por Soranz (2012). O autor busca as raízes históricas e sociais que construíram e difundiram discursos estrangeiros, exóticos e sensacionalistas sobre a região. Assim, compara esta imagética cristalizada com o cinema realizado por artistas da região, no qual a representação deixa de existir enquanto referência exótica para assumir uma configuração social, cultural e discursiva com tipologias próprias, na afirmação de uma identidade amazônica.

Com base na análise de jornais impressos, Rodrigues (2013) discorre sobre a cobertura jornalística de eventos extremos na Amazônia. O autor discute os processos de agendamento e enquadramento do noticiário sobre períodos de seca (estiagem) na região e suas conexões com pressuposto das mudanças climáticas globais. Assim, proporciona uma reflexão sobre os desafios da sociedade em relação ao meio ambiente e o papel da imprensa em fornecer aos cidadãos informações éticas e necessárias ao exercício da cidadania. Entretanto, o autor aponta que a qualidade da imprensa em Manaus, tomando como base os preceitos canônicos do jornalismo de princípios, não oferecem informações de qualidade aos leitores, criando equívocos em torno da percepção sobre as pautas ambientais.

Também seguindo a temática da comunicação ambiental, Gomes Júnior (2017) abre uma discussão sobre ONGs ambientalistas internacionais que atuam na Amazônia e se utilizam de recursos comunicacionais, principalmente por meio das redes sociais da internet, para legitimar a atuação, divulgar opiniões e disseminar estratégias de ações

ecológicas. O autor, embasado nas entidades pesquisadas, aponta que os discursos se constroem e se impõe pelo respaldo científico ou institucional, o que corrobora para sustentar os interesses das organizações, mas acaba invisibilizando as opiniões e perspectivas das populações amazônicas, que convivem e tem profundos conhecimentos sobre a região.

Castro (2012) procura trazer um olhar mais panorâmico sobre os meios de comunicação na Amazônia, propondo um estudo organizacional e sistêmico, no qual delinea um mapa dos diversos subsistemas midiáticos presentes na região. Categoriza os grupos de comunicação de grande expressão política e econômica, as empresas de médio porte, as redes religiosas de comunicação, as redes públicas, estatais e educativas, as organizações de radiodifusão comunitária e de comunicação popular, e as empresas de comunicação de expressão política e econômica locais. Desse modo, aponta pistas sobre como o poder político, econômico e religioso se entrelaçam com as linhas editoriais dos veículos de comunicação.

Ainda sobre as comunicações na Amazônia, há contribuições importantes em Diacon (2006), sobre a implantação das linhas telegráficas na região; Antony (2004), discorrendo acerca dos jornais impressos; Negreiros (1999), sobre a expansão da radiodifusão; Pires (2010), com uma investigação sobre a TV e as transformações ocorridas neste veículo (desde o vídeo-tape, passando pelas transmissões via-satélite até a geração pela internet), demonstrando que as antigas tecnologias se transformam e se incorporam às novas.

Como já sinalizamos, o campo da comunicação é vasto, portanto, dentre outras, estas são algumas contribuições científicas que ilustram a percepção sobre os sistemas comunicacionais na Amazônia, enfatizando suas interdependências para coexistir (circulação territorial, meios de comunicação social, organizações, regional x global, etc.). Assim, percebemos a inter-relação entre ambiente e processos socioculturais (re)configurando novas redes comunicacionais, conforme a sociedade se complexifica.

Nos cipoais do imaginário

Ao regressarmos na história, procurando desencobrir camadas de significados, examinando relatos e crônicas sobre a Amazônia, escritos desde o século XVI,

percebemos que de alguma maneira os autores sempre expressaram as peculiares relações entre os indígenas, o ambiente, e a comunicação que se estabelecia pela circulação no espaço. Assim, percebemos que muito antes da chegada dos europeus havia relações complexas e intercâmbios entre os povos tradicionais (social, cultural, comercial etc.), configuradas por outros nexos de entendimento comparado à lógica dos colonizadores. Estes, por sua vez, acabaram construindo e cristalizando ideias sobre a Amazônia a partir de suas perspectivas.

Conforme Pinto (2006), a partir da análise de diferentes relatos e perspectivas sobre a Amazônia, é possível perceber que existe um conjunto limitado de ideias (com matrizes no pensamento ocidental moderno que reforça desigualdades entre sociedades) que se propagam e se ressignificam continuamente. O autor sugere uma “geografia do exótico” estimulada por manifestações culturais, linguagens artísticas, pelos meios de comunicação (especialmente os livros, a fotografia, o cinema e a TV), pela ciência, pelo desenvolvimento dos transportes, pelo fomento ao turismo. Todos estes meios são catalizadores de sistemas de representação sobre a região, imprimindo padrões. Consequentemente, remodelam valores sociais, políticos e de tradição cultural, implicando na produção de novos sentidos.

Desse modo, a região vem sendo criada e recriada, passando por diferentes configurações dependendo do contexto histórico e dos interesses dominantes, que ora a caracterizam como um paraíso perdido ora como um inferno verde. A Amazônia pode ser o Eldorado com riquezas inimagináveis ou um dos lugares mais selvagens do planeta. Pode ser também a terra das oportunidades, o pulmão do mundo, o cenário de violentos conflitos agrários, o símbolo da luta ecológica, etc.

Tais construções, se propagam pela continuidade de perspectivas impostas pelos colonizadores (dos exploradores do passado aos atuais), em concepções que hierarquizam, comparam, classificam e constroem o “outro” (sujeitos amazônicos) como subalternizado. Atribui-se às populações locais características de selvageria e barbárie, diante da civilidade e supremacia branca (“sujeitos dominantes”). Desse modo, a diversidade sociocultural da Amazônia (e suas formas de perceber e estar no mundo), que já existia muito antes da chegada dos europeus, vem sendo vilipendiada continuamente e considerada um entrave para o desenvolvimento regional.

Segundo Pizarro (2012), as crônicas de viagem de conquistadores e naturalistas europeus, sobretudo entre os séculos XVI e XIX, estão imersas na imaginação, na fantasia e nos preconceitos. Conforme a autora, a partir do século XVIII, os discursos foram se transformando e adquirindo um caráter mais racional, mediante relatos que procuravam descrever, analisar e classificar a região. Baseavam-se em experiências empíricas, refletindo os primórdios da ciência moderna. Entretanto, mesmo ancoradas na racionalidade, são ideias que não escaparam de incorreções, omissões e preconceitos, como os registros dos naturalistas Charles-Marie de La Condamine e Alexander von Humboldt, com anotações sobre povos indígenas e questões de fauna e flora.

A tensão entre perspectivas hegemônicas e suas desconstruções (ao incorporarem relações interdisciplinares), também podemos ver, dentre outros exemplos, nas viagens científicas de Spix e Martius (1818), nos depoimentos de Padre João Daniel (2004) ou no paraíso perdido de Euclides da Cunha (1908). No período da ditadura militar, Batista (1976) já denunciava as condições desumanas das populações que viviam nas comunidades rurais e dependiam de atividades extrativistas, da pesca e da agricultura de subsistência. Entretanto, a forma como estas impressões reverberaram e reverberam na sociedade, pela influência dos meios de comunicação e dos sistemas midiáticos, muitas vezes carecem de contextualização.

Desse modo, quando relacionamos as ideias construídas historicamente no reflexo de processos socioculturais fica mais claro compreender a maneira como os meios de comunicação de massa costumam caracterizar a região. Para Gondim (2007), a Amazônia recriada pelos meios de comunicação contemporâneos não é tão diferente da Amazônia inventada pelos europeus que vinham em busca de cenários exóticos e riquezas. Conforme a autora, em ambas as criações (construções sociocomunicativas), a ficção e a realidade se embaralham permanentemente.

Costa (2011) analisa Amazônia na mídia e aponta que, geralmente, os sujeitos amazônicos são apresentados como inferiores e fracassados diante da importância da floresta para o contexto da biodiversidade no planeta. As imagens, as personagens, as situações expostas pelos veículos de comunicação acentuam a ideia de um lugar remoto, perdido no espaço e parado no tempo. Já as populações indígenas são relegadas a segundo plano, retratadas quase sempre em situação de conflitos, pela ótica do discurso oficial do Estado e dos detentores do poder político e econômico. Assim, configura-se

uma Amazônia selvagem, anacrônica, subalterna e atrasada, ao contrapor-la à imagem civilizada e desenvolvida do Brasil do sul e sudeste ou aos chamados países de primeiro mundo.

Banheiros criativos

Os fluxos comunicacionais, desde tempos inmemoriáveis, refletem a necessidade do ser humano criar e se comunicar, seja pela sobrevivência, convívio, procriação e representar dimensões subjetivas (SANTAELLA, 2003). Para Castells (1999), a comunicação em rede na sociedade digital (ou era da informação) interliga a vida cotidiana, as empresas, o trabalho, a cultura, a educação, a política, as artes, os meios de comunicação etc. Uma atmosfera que poderia revitalizar o sentido de democracia, aponta que a tecnologia acaba sendo utilizada para acentuar a dominação política e a exploração comercial das pessoas, o que acentua os conflitos.

Muniz Sodré (2008) salienta que o sistema midiático tem um papel fundamental na configuração do sistema político-econômico por ser ignição de processos comunicacionais que podem encadear a legitimação de ações governamentais. Por isso, conforme o autor, é necessário fomentar a insurgência de rupturas midiáticas, voltadas a uma comunicação mais transparente e democrática, incluindo a participação dos cidadãos, mostrando seus reais anseios e problemáticas sociais. Mas, tais proposições, geralmente, esbarram nos interesses editoriais dos grandes grupos de comunicação que, mesmo manifestando o discurso ideológico de “porta-vozes” da população, estão ligados a correntes políticas conservadoras e voltados para a obtenção de lucros e a manutenção de determinados grupos no poder.

No caso da Amazônia, Castro (2012) reforça que as grandes redes de comunicação pertencem a grupos de forte expressão política, econômica ou religiosa. Mas, num contexto mais amplo, os sistemas midiáticos amazônicos encontram-se na periferia dos sistemas de comunicação dominantes no Brasil. Curiosamente, conforme o autor, embora as empresas regionais procurem aproximar o tratamento de seus conteúdos a um padrão mais universal da mídia e da cultura, ainda apresentam uma relação de proximidade com as comunidades e realidades regionais. Contudo, as empresas de comunicação e os veículos tradicionais (jornal, rádio e TV) passam por

uma profunda crise. Isto ocorre em função da convergência digital, que vem provocando rupturas sociais e influenciando novas relações culturais.

Cada vez mais a relação com os dispositivos digitais e a ubiquidade *on-line* incorpora-se ao dia a dia da sociedade, de modo que a dicotomia entre o real e o virtual já foi superada por meio de novas formas de organizações tecnológicas e lógicas de pensamento. Para Ferrari (2016, p. 22), ainda é difícil compreender a explosão e a expansão da comunicação participativa na atual sociedade, remixada em transformações, aturdida pelo turbilhão de estímulos sonoros, visuais e tecnológicos no ambiente que a envolve, pois, segundo a autora, “estamos tecendo uma nova utopia cognitiva, do mesmo modo que os modernos do século XX encontraram no surgimento da fotografia e do cinema o reflexo de uma cultura em mutação”.

A verticalidade imposta pelos sistemas de comunicação de massa, na produção e difusão de informações, a partir da internet passou a ser “trans-horizonta”, conforme Santaella (2003, p. 82), e das possibilidades que emergem a partir dessa reconfiguração surgem novos formatos, dinâmicas de produção e maneiras de interagir, pois “cada um pode tornar-se produtor e difusor de seus próprios conteúdos”. Nesse sentido, tecnologias digitais democratizaram a produção e circulação de informações, proporcionando ao “cidadão comum” produzir o que antes era restrito às empresas profissionais.

Contudo, salientamos que tal fenômeno pós-moderno não deve desviar a tarefa peculiar dos jornalistas, e demais comunicadores éticos, de zelar sempre pela informação qualificada (que elucida e gera bons conhecimentos), bem apurada e difundida para os mais diversos públicos no ambiente digital. Pois, a tecnização e especialização dos meios digitais representam (em termos de difusão informacional) uma espécie de “faca de dois gumes”. Claro, é plausível, oportuno e fundamental (em termos técnico-operacionais) democratizar o acesso às informações, contudo, a explosão informacional que vivemos também abre lacunas perversas na formação e/ou instrução de muitos agentes comunicacionais. Afinal, diante da potencialidade de qualquer sujeito ser produtor de informação na internet, os riscos de manipulação de informações são ainda maiores.

No Amazonas, alguns estudos já apontam a relação entre as mídias digitais e a sociedade, seja no cotidiano das populações rurais ou das cidades. E, dentre inúmeras

iniciativas criativas que burlam a imposição das mídias tradicionais, a produção audiovisual ganha cada vez mais espaço. Apontam a diversificação de possibilidades estéticas, narrativas e modos de produção. As práticas colaborativas, tanto na capital quanto no interior, configuram-se entre as cartografias cinematográficas emergentes, com propostas contra hegemônicas e contrastantes aos produtos convencionais da indústria do entretenimento. Os cineastas ciberculturais regionais apostam em estratégias “custo zero” para realizar, divulgar, exibir e pôr os trabalhos em circulação, trazendo à tona ideias e experiências criativas que geralmente são invisibilizadas. Portanto, estes sistemas comunicacionais provocam reflexões sobre as dinâmicas comunicacionais alternativas na sociedade contemporânea (LOPES, 2017).

Rodrigues (2017) apresenta uma interpretação sobre a percepção dos indígenas em relação às redes sociais da internet. O autor caracteriza algumas formas de apropriação e utilização de dispositivos das mídias digitais por povos tradicionais, revelando outras nuances simbólicas, com finalidade de prestação de serviços ou informações educativas. Assim, grupos indígenas, ao utilizarem as redes sociais, como por exemplo o *WhatsApp*, que adquire um caráter de rádio comunitária (como a *Tribos do Norte*), criam um ambiente “virtual” propício para discutir problemas do ambiente “real”. De forma colaborativa, por postagens de áudios, textos e fotos, debatem sobre direitos indígenas, mantêm a língua viva, preservam valores e expressões artísticas, etc. Nesse sentido, conforme o autor, fortalecem o entrelaçamento da sociedade indígena com as tecnologias contemporâneas.

Monteverde (2017) expõe a dificuldade de acesso à internet banda larga no interior do Amazonas e suas consequências para a população. A autora também apresenta o caso da Praça Digital, em Parintins, um projeto experimental, implantado em 2007 na orla da cidade, que distribuía sinal *Wi-Fi* gratuitamente. Em 2013, por questões políticas, econômicas e de infraestrutura, o sinal foi interrompido e o local interditado. Mesmo assim, sua pesquisa demonstrou a reconfiguração e a resignificação do espaço público “praça” em função da internet, já que a apropriação do local, bem como as práticas culturais e ações coletivas de interação sobre ele se transformaram.

Diante disto, percebemos que as possibilidades comunicacionais na Amazônia se multiplicam à medida em que a tecnologia avança, mas frente à interação com o meio amazônico surgem arranjos muito peculiares e que só são possíveis pela coadunação de

agentes específicos deste ambiente. Por isso, a metáfora do banzeiro, que é a sucessão de ondas provocadas pelas embarcações em movimento nos rios, e uma expressão muito usada pelas populações amazônicas para expressar agitação, em circunstâncias do cotidiano. Portanto, no contexto da hipermídia, os ecossistemas comunicacionais amazônicos (na articulação entre o ser humano, a cultura, o ambiente e a tecnologia), tendem a tornar-se cada vez mais complexos.

Considerações finais

Ao relacionarmos o pensamento social da Amazônia a processos comunicacionais, percebemos que a maioria dos discursos sobre a região se construíram e se propagaram a partir da visão etnocêntrica europeia. Isto fica evidente desde as cartas dos primeiros exploradores do século XVI, passando por relatos de colonizadores, religiosos e naturalistas. A imagem social da Amazônia também está relacionada à literatura de ficção, aos registros da historiografia oficial, à produção científica, às artes, às ações dos governos, ao senso comum. Nos fluxos de produção de informações e suas contínuas reelaborações (principalmente com o advento da internet e das mídias digitais), os meios de comunicação massivos, sobretudo, a partir do século XX, se encarregaram de acentuar e enraizar ideias e (pré) conceitos. Estes, embora ganhem roupagens diferentes, seguem a lógica do processo colonizador, mediados por discursos ideológicos e relações de poder (político, econômico, religioso, midiático) em diferentes contextos socioculturais.

Daí emerge a importância de educadores, comunicólogos, jornalistas, e pesquisadores intensificar o cuidado e a vigilância no que tange à qualificação das informações dentro do contexto virtual, que é real. Pois, na medida em que os estereótipos já elencados aqui são disseminados nos meios de comunicação, e com o incremento da internet, pode deflagrar-se uma nova e incomensurável fonte de alienação. Afinal, mesmo com inegáveis benefícios no avanço informacional e comunicacional, o ciberespaço também tornou-se um território para a disseminação de discursos de ódio e preconceitos.

Neste sentido, na esteira do processo civilizador, a visão discriminatória e alienante sobre a Amazônia foi do “*off* ao *on*”. O lastro de retroalimentação histórica de

informações distorcidas e superficiais sobre a Amazônia foi sendo potencializada no ciberespaço. O caminho inverso também é possível com maior engajamento de agentes sociais estratégicos, dentre eles as universidades e os veículos de comunicação alternativos. Pois, a grande mídia, ao ainda ver a região como o “outro Brasil”, reforça desigualdades sedimentando uma visão que subjuga as populações tradicionais e suas teias socioculturais, reforçando uma ideia de país dividido. Atribui à região o estigma do atraso e quase sempre associada à floresta à questões de ordem ambiental global. Já seus moradores (principalmente das comunidades rurais) são caracterizados como subalternos, ignorantes e desinformados.

Contudo, as possibilidades midiáticas alternativas, advindas da internet, mesmo em baixa escala na região amazônica, têm proporcionado a quebra da imposição hegemônica na produção e circulação de conteúdos informativos, educativos e artísticos. Entretanto, há muitos entraves a serem superados, a fim de evidenciar que a Amazônia é sinônimo de diversidade social, cultural e ambiental. Uma região complexa, polifônica e também com os mesmos problemas de outros lugares do mundo.

Assim, enfatizamos que a Amazônia é um ambiente complexificado e mediado por multiplicidades socioculturais, na tensão entre sistemas hegemônicos e não hegemônicos, (re)configurando-se em redes de interdependências comunicacionais. Por isso, é fundamental promovermos uma discussão crítica e dialógica para revigorarmos as abordagens sobre a região. Fomentando a descolonização de suas representações, em busca de outras epistemologias para nos aproximarmos sem preconceitos de suas pluralidades sociais, culturais, ambientais.

Referências

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ANTONY, Hildebrando. **O jornal e diário da tarde na Manaus porto de lenha**. Manaus: Universidade Nilton Lins, 2004.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque. **O regatão e suas relações de comunicação na Amazônia**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 1980.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Conquista: 1976.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias**: vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Fábio. **Sistemas de comunicação na Amazônia**. In: Revista Fronteiras- estudos midiáticos. São Leopoldo: Unisinos. Vol. 14, Nº 3, p. 179-191, 2012.

COLFERAI, Sandro. **A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional**. Tese (Dourado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2014.

COSTA, Vânia. **À sombra da floresta**: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. Tese (Doutorado em Comunicação). Niterói: UFF, 2011.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**: reunião dos ensaios amazônicos. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1986.

DANIEL, Padre João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

DIACON, Todd. **Rondon, o marechal da floresta**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GOMES JÚNIOR, Jonas da Silva. **ONGs transnacionais e os sentidos de sustentabilidade amazônica**: imaginário, discurso e poder. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2017.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Dois anos entre os indígenas**: viagem ao noroeste do Brasil (1903-1905). Manaus: Edua, 2005.

LOPES, Rafael de Figueiredo. Bricolagens audiovisuais no interior do Amazonas. In: JUSTAMAND, Michel; CRUZ, Tharcísio Santiago (Org.). **Fazendo antropologia no Alto Solimões 9**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

MARCOY, Paul. **Viagem pelo rio Amazonas**. Manaus: Edua, 2006.

MONTEVERDE, Suzan Martins. **Ecociberpraça**: a reconfiguração e os ecossistemas comunicacionais da praça pública em Parintins. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Manaus: UFAM, 2017.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

NEGREIROS, Luiz Eugênio. **O rádio no país das Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 1999.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas**: boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Valer, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias**. Manaus: Valer, 2006.

PIRES, Luís Augusto. **Telejornalismo na Amazônia**: o FTP como instrumento de integração regional. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Manaus: UFAM, 2010.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RODRIGUES, Adriano da Silva. **Aturá**: trançado de saberes amazônicos – estudo de caso da rádio Tribos do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Manaus: UFAM, 2017.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Jornalismo e meio ambiente na Amazônia**: a cobertura de eventos extremos pela imprensa escrita de Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SORANZ, Gustavo. **Território imaginado** - imagens da Amazônia no cinema. Manaus: Edições Muiraquitã, 2012.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida** - uma interpretação da Amazônia. Manaus: Valer/Edições Governo do Estado, 2000.